

AS FRONTEIRAS ÉTNICAS NO CONTATO DE LÍNGUA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE AS LÍNGUAS PORTUGUESA E TICUNA NO ALTO SOLIMÕES

Data de aceite: 03/04/2023

Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos

Universidade do Estado do Amazonas

Renilda Aparecida Costa

Universidade Federal do Amazonas

RESUMO: As fronteiras étnicas no contato de língua: uma reflexão sobre as relações de poder entre as línguas portuguesa e ticuna no Alto Solimões problematiza como as identidades étnicas dos Ticuna foram se delineando ao longo de sua história de contato com outros grupos sociais falantes de língua portuguesa enfocando as interinfluências dessas línguas na construção de fronteiras étnicas do sujeito indígena através de seus discursos. Compreendendo que as relações de poder entre as línguas ocorrem a partir das relações sociais entre os grupos étnicos e a sociedade nacional, esta pesquisa objetivou analisar a construção das fronteiras étnicas do Ticuna a partir do contato deste com a língua nacional, refletindo sobre sua maneira de se constituir como sujeito indígena ante a diversidade cultural da Amazônia. A perspectiva teórica dialoga com a teoria de Barth sobre grupos e fronteiras étnicas e com a teoria da configuração de

Norbert Elias A compreensão sobre essa temática é relevante a partir do momento que entendemos que os sujeitos vivem em uma teia de interdependência (ELIAS, 1970) nas quais se evidenciam hierarquias nas relações de poder. Essa hierarquia evidencia-se nos discursos dos indivíduos a partir de suas configurações nos diversos jogos sociais que caracterizam a sociedade como dinâmica, uma vez que sempre haverá mudanças nas configurações dos sujeitos em convivência. A metodologia consistiu numa pesquisa de cunho qualitativo, no qual os procedimentos de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e questionário com interlocutores do grupo étnico ticuna, além de pesquisa bibliográfica da teoria dos autores acima citados e dos pesquisadores que tratam de questões sobre a Amazônia como Samuel Benchimol e Edson Hütner. O resultado foi que as fronteiras étnicas construídas pelos ticunas deram-se em virtude do contato desse povo com os colonizadores e também com os nordestinos que se mudaram para o Alto Solimões para a exploração da borracha que os fez migrar para a zona urbana. Nesse contato, a língua portuguesa se sobrepõe à língua Ticuna, uma vez que esse povo está em constante trânsito entre as zonas urbanas

e a comunidade indígena e nisso a língua oficial permite o engajamento social desse povo na sociedade nacional, enquanto que a língua ticuna mantém-se como elo coesivo entre os sujeitos desse grupo étnico e é a base da construção de sua identidade etnolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteiras étnicas; Línguas em Contato; Relações de poder entre línguas; Relações Interétnicas.

ABSTRACT: Ethnic frontiers in language contact: a reflection on the power relations between Portuguese and Ticuna languages in Alto Solimões problematizes how the Ticuna's ethnic identities were delineated throughout their history of contact with other Portuguese-speaking social groups, focusing on the inter-influences of these languages in the construction of ethnic boundaries of the indigenous subject through their discourses. Understanding that power relations between languages occur from the social relations between ethnic groups and national society, this research aimed to analyze the construction of the Ticuna's ethnic borders from their contact with the national language, reflecting on their way of life. constitute itself as an indigenous subject in the face of the cultural diversity of the Amazon. The theoretical perspective dialogues with Barth's theory of ethnic groups and borders and with Norbert Elias's theory of configuration. The understanding of this theme is relevant from the moment we understand that subjects live in a web of interdependence (ELIAS, 1970) in which hierarchies in power relations are evident. This hierarchy is evident in the speeches of individuals from their configurations in the various social games that characterize society as dynamic, since there will always be changes in the configurations of the subjects in coexistence. The methodology consisted of a qualitative research, in which the data collection procedures were semi-structured interviews and a questionnaire with interlocutors of the Ticuna ethnic group, in addition to a bibliographic research of the theory of the authors mentioned above and of the researchers that deal with questions about the Amazon as Samuel Benchimol and Edson Hutner. The result was that the ethnic borders built by the Ticuna were due to the contact of this people with the colonizers and also with the Northeasterners who moved to Alto Solimões for the exploitation of rubber that made them migrate to the urban area. In this contact, the Portuguese language overlaps the Ticuna language, since this people is in constant transit between urban areas and the indigenous community and in this the official language allows the social engagement of this people in the national society, while the Ticuna language maintains as a cohesive link between the subjects of this ethnic group and is the basis for the construction of their ethno-linguistic identity.

KEYWORDS: Ethnic borders; Languages in Contact; Power relations between languages; Interethnic Relations.

1 | INTRODUÇÃO

As relações de poder entre as línguas portuguesa e ticuna podem ser observadas através dos discursos do sujeito indígena vivente num ambiente entre línguas. Compreender essas relações interlinguísticas é abrir um diálogo sobre fronteiras étnicas e relacioná-las às formas de configuração do indígena amazônida com contato de línguas.

A pesquisa foi de cunho qualitativo e a coleta de dados aconteceu em meados de 2019 no município de Tabatinga através de duas entrevistas semiestruturadas com duas

mulheres Ticuna, a Margarida e a Girassol¹. Elas moram na comunidade indígena do Umariçu, no município de Tabatinga. As entrevistas foram transcritas conforme a variante do português falado de falar de cada uma. Portanto, não fizemos correções ortográficas conforme a norma culta, por acreditarmos que o português indígena é uma das muitas variedades dialetais do português brasileiro e, além disso, priorizamos a não alteração dos dados.

Disso foram retirados três recortes para a análise, partindo da seguinte pergunta de pesquisa: como o Ticuna se relaciona com as línguas do seu meio e de que forma elas influenciam a construção de fronteiras étnicas e simultaneamente sua identidade enquanto indígena?

A relevância da temática foca no entendimento de que os sujeitos² vivem em uma teia de interdependência (Elias, 1970) nas quais se evidenciam hierarquias nas relações de poder. Essa hierarquia evidencia-se nos discursos dos indivíduos a partir de suas configurações nos diversos jogos sociais caracterizadores da dinâmica social, uma vez que sempre haverá mudanças nas configurações dos sujeitos em convivência.

Essas interdependências sociais também envolvem a construção de fronteiras étnicas, visto que essas persistem mesmo quando há mobilidade de um espaço a outro e envolvem processos sociais tanto de exclusão quanto de incorporação opacas e transformam a vida dos sujeitos no curso de suas histórias de vida (BARTH, 1969).

2 | OS TICUNA NO ALTO SOLIMÕES

Alto Solimões, uma mesorregião localizada no sudoeste do estado do Amazonas, possui uma área territorial de 214.217,8 Km², onde vivem aproximadamente 240.000 habitantes nos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Tonantins, Santo Antônio do Içá, Amaturá, Fonte Boa e Jutai.

Nesta região, há uma complexa sociobiodiversidade de povos e comunidades tradicionais³, formadas por pescadores, tripulantes, comandantes e tripulantes de barco, agricultores, viradores de tartarugas, extratores de madeira, pais e mães de santo (BENCHIMOL, 2009), além de 11 etnias indígenas: Ticuna, Kokama, Kambeba, Kaixana, Marubo, Mayoruna, Kanamari, Miranha, Matis, Witoto e Kulina.

Dentre essas etnias, o povo mais populoso é o Ticuna com 48.246 pessoas (PDPI, 2012) e sua língua é falada por todos do grupo étnico. Além disso, o povo Ticuna translocase por três países: Brasil, Colômbia e Peru. Isso faz com que eles mantenham contato com três línguas: a portuguesa, a espanhola e a ticuna; todavia, em algumas comunidades

1 Nomes fictícios para preservar a identidade das interlocutoras.

2 A categoria sujeito é entendida aqui conforme as bases da Análise do Discurso de Pêcheux. Para ele, o sujeito é um indivíduo consciente e, ao mesmo tempo, condicionado às coerções biológicas e sociológicas (PÊCHEUX, 2012).

3 Povos e comunidades tradicionais são entendidos, neste trabalho, como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam um território e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto nº 6.040/2007).

ticunas do Alto Solimões, é possível encontrar pessoas que só falam a língua ticuna.

Os Magüta (povo pescado), autodenominação deste grupo étnico, habitavam em terra firme, nas mediações do igarapé São Jerônimo em São Paulo de Olivença Contudo, deslocaram-se para outras regiões para trabalharem nos seringais descobertos em outras partes da Amazônia. Além do contato com outros grupos étnicos, os Ticuna mantiveram contatos com os migrantes nordestinos oriundos do Ceará, do Maranhão e do Rio Grande do Norte numa relação de patrão-empregado na exploração da borracha. (HÜTTNER, 2007).

3 | FRONTEIRAS ÉTNICAS E A DIVERSIDADE CULTURAL NA AMAZÔNIA

Barth (1969) apresenta duas definições de grupos étnicos. A primeira é que os grupos étnicos são portadores de cultura e os traços culturais são resultantes dos efeitos da ecologia. Um grupo étnico se espalha sobre um território com circunstâncias ecológicas variadas e seus membros exibirão diversidades regionais no seu comportamento.

A segunda definição de grupos étnicos é a que os vê como um tipo de organização social. Os sujeitos são classificados como pertencentes ao mesmo grupo étnico em termos de sua ancestralidade, modos de se relacionar com o meio ambiente. Nesse sentido, estes sujeitos constroem as suas identidades étnicas em suas interações sociais, baseando-se nas diferenças culturais que eles mesmo consideram importantes.

A configuração cultural do Amazônida ocorreu pela fricção interétnica⁴ do contato com os brancos, os indígenas e os negros. Todavia “o conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia Colonial foi um processo predominantemente indígena” (BENCHIMOL, 2009, p.25), pois os recursos naturais da terra eram conhecidos pelos povos indígenas.

O caboclo⁵ desenvolveu as raízes culturais e os valores no contato íntimo com o ambiente físico e biológico favorecidos pelos casamentos interétnicos entre os europeus e as mulheres indígenas. A Amazônia Lusíndia⁶ foi configurada a partir da forte influência dos padrões culturais e espirituais eurocêntricos que desintegraram a identidade cultural indígena, através “das tropas de resgates, aldeias, missões, reduções, catequeses, queima de malocas, dízimos e trabalhos servis” (BENCHIMOL, 2009, p.25).

Essa violência simbólica destinada ao homem nativo amazônida forçou mudanças nas configurações sociais das populações indígenas, pois possibilitou não só o contato forçado com os “civilizadores” e também fez com que as múltiplas culturas nativas da Amazônia fossem desintegradas por conta da separação do indígena com o seu grupo étnico de origem. Essas ações provocaram mudanças ecológicas na forma de viver das

4 Fricção interétnica consiste nas situações de contato entre indígenas e não indígenas, em que as relações entre esses indivíduos evidenciam contradições em virtudes de suas dinâmicas peculiares (OLIVEIRA, 1967).

5 Caboclo é uma expressão utilizada para se referir ao indivíduo miscigenado resultado dos casamentos interétnicos entre brancos e indígenas. “O caboclo é bem o resultado, ao mesmo tempo, de um contato entre uma ordem tribal, e uma ordem nacional, e da fricção interétnica subjacente”. (OLIVEIRA, 1996, p.112).

6 Lusíndia é uma palavra formada pela composição dos termos luso e índia. Consiste num termo definido por Samuel Benchimol para explicar a forte influência dos portugueses (denominados lusos) na cultura do ameríndio.

populações na Amazônia.

Segundo Barth (1969), as variações ecológicas marcam as diferenças entre os grupos sociais, pois algumas características culturais são usadas pelos seus membros como sinalização das diferenças. Estas têm duplo viés: ou podem ser ignoradas, minimizadas e até mesmo negadas por outros nas relações sociais ou podem ser supervalorizadas e exaltadas através do reconhecimento de traços identitários pelos membros do mesmo grupo.

Assim, as fronteiras étnicas são fronteiras sociais, embora elas possam ter territórios duplicados, elas canalizam a vida social, implicando frequentemente em uma complexa organização de comportamentos e de relações sociais. As situações de contato social entre pessoas de cultura diferentes também estão vinculadas à manutenção de fronteiras étnicas sociais. É importante entender que os grupos étnicos somente continuam como unidades significantes se eles implicam diferenças marcadas no comportamento, ou seja, persistir diferenças culturais (BARTH, 1969).

Em se tratando dos Ticuna, eles sempre estão em trânsito na tríplice fronteira Brasil/ Colômbia/Peru. Essa mobilidade humana dá-se por questões de sobrevivência, em virtude de essas pessoas irem em busca dos serviços públicos em Tabatinga (MEDEIROS *et al.*, 2018). Tais serviços incluem a educação, pois muitos pais matriculam seus filhos na zona urbana para que seus filhos aprendam melhor a língua portuguesa. Inclui-se ainda a saúde, pois os países vizinhos não dispõem de um sistema de saúde pública gratuita; e os programas sociais são o bolsa família, o auxílio maternidade e também o auxílio emergencial que o governo brasileiro pagou para as pessoas de baixa renda durante a pandemia.

Para Barth (1969), os sistemas sociais variam profundamente na extensão da identidade étnica, como um status imperativo, obriga a pessoa na variedade de condições e papéis que ele pode assumir. Refletindo a respeito do histórico das relações interétnicas entre os ticunas e outros grupos sociais, percebemos que na região do Alto Solimões, a organização social dos Ticuna subjugou-se ao domínio do seringalista, em virtude de sua habitação estar localizada nas proximidades do barracão, a fim de efetuar a extração do látex.

Isto significa dizer que a condição de ser índio, impingia-o ao trabalho escravo, pois tal convivência aquiesceu aos padrões a propagação de suas ideologias por meio de um regime autoritário de submissão do indígena sob punições e ameaças de morte. Em outras palavras, “o regime do barracão no Solimões prejudicou o modo de viver do Ticuna na figura do patrão, pois tudo estava centralizado em sua pessoa” (HÜTTNER, 2007, p. 25).

Hoje os Ticuna, na cidade de Tabatinga, vendem seus produtos na feira denominada pelo mesmo nome do grupo e também nas ruas. É muito comum vermos as mulheres com uma bacia na cabeça cheia de produtos como banana ou outras frutas da época, tapioca, farinha, verduras caminhando nas ruas debaixo do sol quente com o intuito de vendê-los.

No final da tarde, os homens vendem peixes na Avenida da Amizade, próximo à entrada da fronteira Brasil/Colômbia. Portanto, os Ticuna contribuem para a economia local através do fornecimento de alimentos nas feiras e nas ruas nos municípios do Alto Solimões.

O contato do Ticuna com outros grupos sociais fez com que esse povo se reconfigurasse culturalmente, pois eles assimilaram a religião cristã. Muitos são da Ordem da Cruz, outros congregam a Igreja Batista Regular e há ainda a criação da igreja indígena em Filadélfia –AM, que concilia os princípios cristãos aos saberes tradicionais indígenas. Além da religião, esse povo busca formas de subsistência através do comércio, é muito comum nas terras indígenas a presença de mercearias, que vendem produtos variados como arroz, conserva, feijão, macarrão, charque dentre outros produtos. Há ainda as organizações políticas como a Organização dos Professores Indígenas Ticunas (OGPTB) e o Conselho Geral da Tribo Ticuna (CGTT).

4 | LÍNGUA, RELAÇÕES DE PODER E FRONTEIRAS ÉTNICAS NO CONTATO LINGUÍSTICO

Qual a relação de poder entre as línguas e quais os efeitos de sentido podemos extrair delas quando se trata de populações tradicionais indígenas?

Elias (1970) define uma configuração como um paradigma volátil gerado a partir de indivíduos que compõem o jogo das inter-relações. Nesta teoria, a sociedade é entendida como uma teia de interdependências na qual o homem é visto como *homines aperti*, pois está sujeito às mudanças constantes nos seus modos de convivência. Assim as ações nas relações entre indivíduos serão a partir de regras, criadas pelos próprios integrantes do grupo, formando um entrelaçamento versátil de tensões, visto que tal interdependência entre os sujeitos pode se caracterizar tanto como uma configuração de aliados ou de adversários.

Olhando para a história do Brasil, observamos que as relações de tensão entre a língua portuguesa e as múltiplas línguas indígenas geraram o extermínio de muitas populações tradicionais indígenas e junto com elas as suas línguas. Eduardo Guimarães (2005) apresenta quatro momentos para a implantação da Língua Portuguesa no Brasil.

Começando em 1532 até 1827, o autor apresenta as formas de inclusão da língua portuguesa no Brasil, que resumindo foram: 1. A colonização portuguesa, em que a língua começa a ser trazida para o Brasil e o contato entre as línguas europeias e as indígenas; 2 a chegada da família real portuguesa em 1808 e com ela a vinda de muitos outros cidadãos portugueses para o Brasil. Neste momento, com a consolidação do império, houve o impedimento do uso das línguas indígenas nas escolas através do diretório dos índios (1557) de Marquês de Pombal; 3. Com a vinda da família real para o Brasil, começou-se a discutir a criação da Língua Nacional do Brasil pelo parlamento brasileiro e o seu efetivo uso na corte, a partir da criação da imprensa e da biblioteca nacional por Dom João VI; 4. a partir de 1827 a consolidação da língua portuguesa como a língua nacional e oficial do

país, onde se começou a legitimar as gramáticas e os dicionários.

Através desse processo, os indígenas entraram em contato com a língua oficial, impulsionando-os ao bilinguismo compulsório, visto que não lhes foi dada a opção de escolher entre uma língua e outra. Em outras palavras, o processo de integração do indígena à sociedade nacional forçou o indígena a aprender a língua portuguesa para conseguir sobreviver em meio a um ambiente de intensas violências linguísticas, pois a imposição da política de ensino bilíngue desvozeou as línguas étnicas para vozear a língua portuguesa.

O fragmento abaixo é de uma fala de Girassol⁷. Nele podemos perceber como esta informante se define em relação à língua portuguesa:

Recorte 1

A língua... éh:: portuguesa representa pra mim por causa do trabalho, com com porque **sem... a a** língua portuguesa eu não/muitas vezes... **eu não vou conseguir um trabalho** e por isso eu...preciso... ter um domínio da língua portuguesa na na minha na minha vida e também por outras coisas assim às veze eu **tenho amigo indígena às vezes ele não vai saber falar a língua portuguesa às vezes eu entendo as duas língua eu posso ajudar** éh::...e por outras coisas também na minha vida eu gosto também da língua portuguesa e eu...**amo a língua portuguesa** eu gosto de falar tanto na língua indígena quanto na língua portuguesa ... **assim é necessidade** (Girassol, 2019).

Ela declara que a língua portuguesa é aquela que possibilitará a sua entrada no mercado de trabalho, como aquela que facilitará as suas relações interpessoais com o não indígena. A partir do enunciado “porque **sem...⁸ a a** língua portuguesa eu não/muitas vezes... **eu não vou conseguir um trabalho**”, evidenciamos que a integração completa dela, como indígena à sociedade nacional, só será possível a partir de sua apropriação da língua oficial do Brasil.

Percebemos através de seu discurso que este sujeito está dentro de uma relação de poder que o coloca em segundo plano em relação àqueles que falam a língua portuguesa, pois o seu domínio se torna obrigatório para os indígenas que têm interesse em se engajar na sociedade brasileira. Assim a configuração determinada por ela é a de uma pessoa que está integrada à sociedade nacional e que precisa se estabelecer economicamente a partir de um trabalho.

Norbert Elias (1970) descreve a sociedade como estruturas exteriores aos sujeitos simultaneamente envoltos a ela e também separados entre si através de classes sociais, cuja diferenciação dá-se a partir de uma “barreira invisível. Essas pessoas constituem redes de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escola, cidades, estratos sociais ou estados.” (ELIAS, 1970, p.15).

⁷ Girassol é um nome fictício. Ela é Ticuna nascida na cidade de Atalaia do Norte, contudo reside em Tabatinga há quatro anos desde que se tornou acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas.

⁸ A reticências indica que a informante deu uma longa pausa em sua fala.

Margarida⁹ fala sobre sua relação com a língua portuguesa no recorte abaixo:

Recorte 2:

ter conhecimento de/da segunda língua que é da língua portuguesa e também muitas vezes:: é pra/se/ para se comu/comunicar ou muitas vezes se **defender de alguma situação que é desagradável** pra mim porque as vezes o preconceito por ser/eu sou da etnia Ticuna e muitas vezes as pessoa que não é da etnia muitas vez fala ai entendendo a segunda língua eu posso me defender desse... **desse julgamento** que às vezes acontece (MARGARIDA, 2019).

A interlocutora vê a língua portuguesa como um mecanismo de defesa pessoal, pois falar essa língua extrapola as necessidades comunicacionais e se estende para a inevitabilidade de se defender dos preconceitos dos não-indígenas em relação à sua etnia. A utilização das expressões “defender de alguma situação que é desagradável” e “desse julgamento”, revela-nos que a interlocutora sofre preconceitos não só por pertencer a um dos grupos indígenas, mas também passa por situações constrangedoras quando ela não compreende a língua portuguesa. Indagamo-nos ainda sobre a expressão “desse julgamento”. Quais seriam esses julgamentos? Como seriam essas formas de conceber o sujeito indígena em relação à sociedade nacional?

A resposta a que chegamos é a de que esses julgamentos, referidos à Margarida, são os discursos propagados desde a época colonial e que continuou durante a construção da sociedade brasileira. Esses discursos apresentam arquétipos de que indígenas são incapazes e preguiçosos, frutos do imaginário do colonizador (seja português, espanhol ou de outra nação europeia), que para conseguir ocupar o território recém-descoberto, criou arquétipos de submissão para os povos indígenas, submetendo essas pessoas não só às condições de trabalho desumanas, como também à violência sexual praticadas com as mulheres indígenas (GAMBINI, 2000).

“As sociedades se compõem de indivíduos e que os indivíduos só podem possuir características especificamente humanas tais como a capacidade de falar, de pensar, e amar nas e pelas suas relações com as outras pessoas – em ‘sociedade’.” (ELIAS, 1970, p.123). No discurso de Margarida, observamos que ela se configura a partir de outros sujeitos. Isso quer dizer que ao se representar através das línguas em que ela está envolvida (a Portuguesa e a Ticuna) ela estabelece um elo com outras pessoas inseridas em outras configurações como as que a discriminam por ela não ter uma desenvoltura ao falar português. Essa situação gera desconforto a sua condição de sujeito indígena que está em integração com a sociedade nacional.

Recorte 3

Às vezes **falo língua português na minha casa** porque algumas vez também visitar os **colegas civilizados ou amigos mesmos** ou colega...e com minhas

9 Margarida, pseudônimo de nossa segunda interlocutora, é Ticuna e acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas. Ela é moradora na comunidade de Umariçu.

famílias éh:: a maioria das minhas famílias falaram em/ de língua maternas e alguns **minhas tias também falaram de espanhóis e língua português e alguns meus primos falaram de espanhol e português** e maioria das minhas famílias que falaram de língua ticuna e na cidade quando vim na cidade falaram de língua português mas utilizamos de língua português também na escola com os professores falaram de língua português e com as minhas colegas de não indígenas mas mesmo usaram de língua Ticuna também porque alguns dos meus colega meus colega minhas colegas indígenas falaram de mesma línguas alguns colegas não indígenas falaram de português (MARGARIDA, 2019).

Evidenciamos, no recorte acima, que Margarida define os espaços sociais dos quais são as línguas são utilizadas. Os espaços da língua portuguesa são a cidade e a escola, ou seja, a zona urbana juntamente com suas instituições sociais. O espaço da língua ticuna é nas relações mais estreitas, como no cotidiano familiar ou com os amigos do mesmo grupo étnico. Evidenciamos ainda que tanto Margarida quanto Girassol utilizam os pronomes pessoais para se definirem dentro das tramas das relações interpessoais. “Os pronomes pessoais são no seu conjunto uma expressão elementar do fato de que cada um se relaciona fundamentalmente com os outros e de que cada ser humano individual é essencialmente um ser social” (ELIAS, 1970, p.135). Ao utilizar os pronomes de primeira pessoa, elas se colocam como o locutoras da comunicação e se configuram em direção ou a um “tu”, representando o interlocutor ou a um “ele” que não está presente na dinâmica conversacional.

Portando, as relações de poder entre as línguas que evidenciamos nos discursos indígenas mostram além dos espaços sociais delimitados para cada língua que o sujeito indígena se configura perspectivacionalmente através dos outros sujeitos de sua convivência, seja na comunidade indígena, seja na zona urbana. A língua portuguesa é a língua do desejo, visto que dominá-la é necessário para que o indígena consiga se inserir no mercado de trabalho ou se defender dos pré-julgamentos alimentados desde o período colonial. Ao passo que a língua ticuna é aquela do conforto, que estreita as relações familiares e o convívio entre o povo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos indígenas analisados neste trabalho mostraram o quão vivo está o discurso do colonizador no imaginário do sujeito indígena. A formação social da Amazônia derivou de intensas miscigenações da rica etnodiversidade e a cultura indígena foi reconfigurada pelo contato com os nordestinos e europeus. As fronteiras étnicas pelas quais os indígenas passam na região do Alto Solimões são (re)construídas na opacidade do discurso de que os grupos étnicos viveriam numa suposta convivência harmoniosa. Entretanto, a realidade nos mostra que o sujeito indígena sofre no seu dia a dia exclusões sociais pelo fato de serem indígenas e pelo fato de também não “dominarem” a língua

portuguesa.

O sujeito indígena ao falar das línguas constrói sua identidade étnica por meio de uma rede de representações de si e do outro através do uso dos pronomes pessoais. Nisso conseguimos abstrair as relações de poder entre a língua portuguesa e a língua ticuna, a partir do momento em que evidenciamos a determinação dos espaços sociais dos quais as línguas são usadas. Nessa perspectiva, a língua nacional ganha “status” privilegiado, pois é utilizada nas relações sociais urbanas e nas instituições, ao passo que a ticuna é restrita ao uso entre familiares e colegas que compartilham a mesma identidade étnica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. In: **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, vol 4, nº1, 2012.

BARTH, F. Introduction. In: BARTH, F. **Etnic groups and Boundaries: the social organization of culture difference**. Noruega, Waveland press, Inc., 1969.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: formação social e cultural**. 3ª ed, Manaus: Editora Vales, 2009.

COUTINHO, W. **Gente Valente: uma coletânea Matsés: uma coletânea do Vale do Rio Javari (1866-1974)**. Brasília, DF. Tese de doutorado. Universidade de Brasília -UNB, 2017.

DETURCHE, J. P. J. L; HOFFMANN, K. D. Nomes, subgrupos e qualidades totêmicas – nas águas de uma sociologia Katukina In: **Ilha**, v. 18, n. 2, 2016.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GAMBINI, R. **Espelho índio: a formação da alma brasileira**. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

GUIMARÃES, E. A Língua Portuguesa no Brasil. In: **Ciência e Cultura**. vol.57, nº.2. São Paulo, 2005.

HUTNER, E. A igreja católica e os povos indígenas: os Ticuna na Amazônia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

MEDEIROS, A. et al. Povos Ticuna na tríplice fronteira: desafios para o estado e para o direito. In: **Mundo Amazônico**, vol. 9, 2018. 161-198.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O índio e o mundo dos brancos**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

PÊUCHEUX, Michel. Sobre os Contextos epistemológicos da Análise do Discurso. Tradução: Eni Orlandi. In: PÊUCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

WELPER, E. M.. **O mundo de João Tuxaua: (trans)formação do povo Marubo**. Rio de Janeiro - RJ. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.